

Banqueiros europeus: o Brasil é um país viável.

O Brasil é um país viável e os bancos internacionais devem manter o apoio financeiro e não interferir em assuntos que digam respeito à soberania nacional, como a aprovação do Decreto-Lei nº 2.045.

Essa é a posição dos bancos da Europa, manifestada ontem, em Porto Alegre, pelos diretores do Banco Europeu para a América Latina, que consideram transitoria a crise de liquidez e que "será superada com maior compreensão dos grupos financeiros externos, aliada a um esforço de exportação no plano interno".

Segundo o diretor-geral para o Brasil do Banco Europeu, Milton Bardini, a instituição continuará emprestando e investindo no País, e este ano liberará US\$ 430 milhões (US\$ 75 milhões a mais do que em 1982), sendo US\$ 100 milhões para crédito à exportação, US\$ 30 milhões a importações e outros US\$ 300 milhões em créditos financeiros.

O Banco Europeu instalou-se no Brasil 70 anos atrás e, embora facilite as

operações, a chancela do FMI e do Clube de Paris não é determinante para a continuidade das operações financeiras — disse Justo Pinheiro da Fonseca, conselheiro da direção internacional da instituição, com sede em Bruxelas.

Depois de dizer que "ninguém está convencido de que existe a necessidade de aprovar o decreto",

Emile Leopold Bian, assinalou que, apesar de os banqueiros europeus não exigirem mudanças profundas internas para continuar liberando recursos, os Estados Unidos continuam liderando as negociações da dívida externa, por serem os maiores credores individualmente.

Nesse sentido — disse Milton Bardini — o Banco Europeu (que detém 60% dos investimentos fixos no Brasil atualmente) nada fica a dever ao Citybank, um dos mentores do plano de recuperação econômica do Brasil.

Por sua vez, observou Pinheiro da Fonseca:

— A dificuldade do Brasil em sua recuperação econômica está no fato de que todo o mundo quer emprestar e ninguém quer investir, resultando em uma alta especulação financeira e hipervalorização dos haveres financeiros.

A esse respeito, para Milton Bardini, além de um grande esforço de exportação, o sucesso do Brasil depende da compreensão dos países credores de que a crise não será superada se não for criada uma nova política alfandegária, que valorize os preços dos produtos brasileiros.

O Brasil deve ser encarado como um associado, que tem grandes possibilidades, e não como um devedor.

Ainda sobre a necessidade do "esforço interno" preconizado pelos europeus, Pinheiro da Fonseca disse que a liberação de mais recursos "está condicionada a cortes nas importações de supérfluos ainda feitas pelo Brasil, como o videogame e alpiste para passarinho. Uma questão de seriedade", concluiu.